

No início era um sonho distante e quase impossível. Realizar parte da pesquisa acadêmica em outro país sempre me pareceu um passo enorme e sem perspectivas reais. Mas a realidade da vida de vez em quando nos prega alguma peça, e a oportunidade única e inesperada pode surgir de onde menos se espera. Por isso não basta manter o olhar fixo e atento ao objeto de pesquisa, há que se ter o mesmo esforço para as questões burocráticas e administrativas para que se possa dar conta do trabalho acadêmico.

Aluna de mestrado na área de Estudos Comparados, meu projeto de pesquisa estava adiantado e aprovado no exame de qualificação por ocasião da oportunidade que, enfim, surgiu. O objetivo da pesquisa era realizar uma análise comparativa entre Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos e A vida verdadeira de Domingos Xavier, de José Luandino Vieira. Na parte brasileira da pesquisa tudo ia muito bem, fortuna crítica facilmente encontrada, obra completa editada e à disposição, entrevistas, biografias, etc. Mas quanto a Angola, os obstáculos eram vários. Muitos vencidos com o auxílio de nosso diligente orientador, professor Carlos Serrano, que não poupava esforços em repassar à aluna todo o material disponível.

Vamos, então, aos fatos.

Setembro de 2005

Foi divulgada pela Cátedra Jaime Cortesão o oferecimento de bolsas para estágio de curta duração em Portugal, com o auxílio do Instituto Camões. Buscavam contemplar pesquisas no campo da história e cultura de Portugal e do mundo de língua portuguesa.

Ainda que os pesquisadores antes contemplados fossem de outras áreas como Antropologia e História, mesmo assim arrisquei apresentando uma proposta de trabalho que contemplava uma parte da pesquisa. Além de consultar bibliotecas e centros de pesquisa em Portugal, propus também uma entrevista com o escritor, que apesar de angolano, vive em terras lusitanas: José Luandino Vieira.

Outubro de 2005

Após a aprovação na primeira etapa da seleção, fui questionada sobre o material que poderia ser conseguido no exterior, a sua inexistência em território nacional, bem como a sua real importância para a pesquisa. Com a pesquisa bastante adiantada, foi possível apresentar detalhes sobre publicações, periódicos, entrevistas e documentos disponíveis em Portugal. A aprovação final aconteceu, e então seguiu uma fase que se de um lado é de completa realização e alegria, de outro lado é desafiadora e assustadora. Colocar em prática o cronograma de trabalho; realizar as atividades propostas, as visitas às bibliotecas e centros de pesquisa, a entrevista com o escritor, tudo em apenas quatro semanas.

1 Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: O desencanto utópico ou o juízo final: Um estudo comparado entre A costa dos murmúrios, de Lídia Jorge e Ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane.



Entrada da minha morada em Lisboa, Portugal (Foto tirada em 04/02/06)

Além-mar virtual

A verdade é que o princípio nem sempre é o começo de tudo. Jamais seria possível elaborar um plano de trabalho viável e pertinente à pesquisa se não fosse o livre acesso às referências bibliográficas dos mais variados acervos existentes em Portugal. E isso foi possível, em grande parte, no “além-mar virtual” dos catálogos digitalizados. Hoje temos a vantagem do livre trânsito virtual, e é preciso aprender a navegar nesse novo espaço.

Em Portugal são de extrema importância os acervos da Biblioteca Nacional e da Torre do Tombo, os mais conhecidos e procurados, mas não podemos deixar de lado acervos como os da Fundação Mário Soares, da Hemeroteca Municipal e do Centro de Documentação Amílcar Cabral (CIDAC), isso apenas em Lisboa. Nas universidades de outras localidades portuguesas é possível encontrar importantes acervos não apenas nas suas bibliotecas, mas também nos centros de estudos e grupos independentes de pesquisa. Alguns desses pouco conhecidos, porém preciosos como o Centro de Estudos Ibéricos que fica na Guarda e possui vínculo com as Universidades do Porto (PT) e de Salamanca (ES), ou ainda o Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra.



Vista parcial do Monumento aos Descobrimentos à margem do rio Tejo em Belém, Lisboa, Portugal (Foto tirada em 05/02/06)

Janeiro de 2006

Obtida a tal sonhada oportunidade de atravessar o oceano para realizar uma parte da pesquisa, há que se resolver questões práticas da vida: passaporte, visto, passagens aéreas, deslocamentos terrestres, onde ficar, quanto gastar, enfim, o cotidiano do qual não podemos escapar.

Ainda que se conheça o país em que será realizado o estágio, o olhar não é o mesmo. Quando viajamos como turistas, o contato que temos com a cultura, com a rotina do lugar é, em geral, superficial. Mas se temos objetivos práticos a cumprir, temos que rapidamente nos adaptar a nova realidade, que importa saber dar conta de tarefas prosaicas como onde fazer as refeições, onde se hospedar, como se deslocar na cidade e entre as cidades.

Com a ajuda de colegas e professores consegui muitas informações que me auxiliaram no planejamento da viagem e da estadia, e isso foi muito importante para garantir a realização do plano de trabalho. Cheguei a Lisboa sabendo onde ficaria hospedada, no entanto, no mural de anúncios das faculdades não é difícil encontrar a oferta de quartos em residências. Esse tipo de hospedagem é muito comum, além de ser mais barata do que as opções disponíveis em hotéis e pensões.

Outra preciosidade que consegui logo ao chegar foi aproveitar ao máximo a disponibilidade de um passe que existe para os meios de transporte coletivos em Lisboa, pelo qual você paga um valor fixo mensal e tem passagem livre durante um mês. Como os deslocamentos eram diários para as bibliotecas das faculdades, para a Biblioteca Nacional e para o CIDAC, foi muito valiosa essa dica.

Além-mar sem escalas

Como a oportunidade pode ser única, não é demais lembrar que não há tempo para descanso. Em meio às atividades que nos propomos, é inevitável o surgimento de eventos imperdíveis como, por exemplo, o lançamento de um livro de Cláudio Guillén, ocasião em que pude conhecer pessoalmente de uma só vez, o próprio autor, Eduardo Lourenço, Almeida Faria e Helder Macedo. Os lançamentos de livros acontecem com alguma regularidade em Lisboa, e normalmente você encontra vários escritores nessas ocasiões. Outro evento que não estava inicialmente nos planos foi o Correntes d'Escritas, um encontro que acontece todos os anos em Póvoa-de-Varzim, em que estavam escritores como Ondjaki e João Melo (Angola), Adriana Lisboa (Brasil) e também, de passagem, Luandino Vieira, num desencontro que muito lamentei.



Convento de San Payo visto do seu portão principal (morada de Luandino Vieira). (Foto tirada em 27/02/06)

Explico:

Desde o primeiro dia em que cheguei a Lisboa iniciei contatos para encontrar com Luandino que reside numa pequena cidade ao norte de Portugal. Conforme havia combinado através da poeta Ana Paula Tavares, mandei pelo correio as questões que pretendia fazer ao escritor. Mas os eventos foram se sucedendo e quando então veio o primeiro contato telefônico de Luandino, não estava em Lisboa, mas sim em Póvoa-de-Varzim, e lá nos encontramos. Quando voltei a Lisboa, recebi o recado da confirmação da entrevista que poderia ser realizada pessoalmente. Acabei viajando para o norte novamente para realizar a tão esperada entrevista quase no fim da minha estadia, o que causou uma certa expectativa. Mas, enfim, foi possível encerrar o estágio com a sensação de dever cumprido.

O episódio da viagem ao norte foi muito curioso, haja vista as dificuldades inesperadas em deslocamentos relativamente curtos em Portugal. Para nós que estamos acostumados a distâncias enormes no Brasil, vencer trezentos quilômetros não parece ser uma tarefa difícil. Mas

em Portugal pode ser muito diferente. Por isso, é preciso cercar-se de algumas alternativas, como confirmar a existência de alguma hospedagem econômica e próxima, para o caso da disponibilidade limitada de meios de transporte na localidade que se pretende visitar.



Conversa com Luandino Vieira. (Foto tirada em 27/02/06)

Outra curiosidade importante é a dificuldade em se comprar livros naquele país. Se não há disponibilidade de tempo, no caso de estadias curtas, a chance de voltar sem aquele título imprescindível é grande. Se possível, o melhor seria encomendar os livros em alguma livraria, através de algum conhecido ou mesmo por telefone, antes do início da viagem. Em Portugal há boas livrarias como a FNAC e a Bertrand. A Livraria Sá da Costa também tem sempre um bom acervo composto, em grande parte, de títulos esgotados, e onde pude encontrar alguns como os da Edições 70.

Enfim, mais do que um sonho realizado, o estágio no exterior foi um período repleto de experiências pessoais e acadêmicas que, para além de contribuir à finalização da pesquisa, significou uma fonte inspiradora de novos projetos de trabalho e de vida.